



VIOLENTA PROSA

ENTREVISTA COM GEORG OTTE E JACYNTHO LINS BRANDÃO

Ewerton Martins Ribeiro*

* ewertonmartinsribeiro@gmail.com
Escritor, jornalista e mestrando em Literatura Brasileira na UFMG. Autor de *A grande marcha* (Ed. Circuito, 2014; e-galáxia, 2014), romance que se passa nas manifestações brasileiras de junho de 2013.

Sentei-me com Georg Otte e Jacyntho Lins Brandão em tardes distintas de agosto último para conversar sobre literatura e violência, prometendo a um e a outro que, editorialmente, os colocaria em diálogo durante a redação desta entrevista. É o tipo de coisa a que se propõe um pesquisador que é também jornalista, escritor e tolo – totalmente desavisado da dificuldade em que se está metendo.

O alemão Georg Otte é o líder do Núcleo Walter Benjamin, grupo de pesquisa que, sediado na Faculdade de Letras da UFMG, dedica-se a manter atual e aquecida a reflexão sobre a obra desse grande influenciador da filosofia e da crítica literária e de arte que se constituiu a partir do início do século 20.

Se as opiniões de Georg não permitem rotulá-lo *stricto sensu* como de centro-direita, ao menos possibilitam, com efeito, sugerir-lo aqui como um arguto crítico da esquerda – mas também da direita – em qualquer sua chance de simplificar o que, por natureza, pede problematização. “Você sabe que eu sou dos que sempre nadam na contracorrente”, diz-me Georg em dado momento da nossa conversa (na hora, eu teria respondido “ainda bem”, se pensasse rápido – o que certamente não é o caso).

Jacyntho Lins Brandão fundou a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, ensina e estuda língua e literatura grega na UFMG e é referência internacional em sua área de

atuação. Para além de suas atividades estritamente acadêmicas, esteve à frente da direção da Faculdade de Letras da UFMG em dois momentos distintos de sua carreira (1990-1994 e 2006-2010) e foi vice-reitor da Universidade na gestão 1994-1998.

Quem conhece Jacyntho sabe de sua índole de esquerda refletida, a sua verve de uma esquerda que está sempre se repensando: a esquerda que olha para si sabedora de que o que falta ao mundo, no fim das contas, é mesmo uma profunda educação estética. Na entrevista a seguir, o professor foi convidado a falar sobre a violência no contexto da literatura clássica, de forma a podermos colocá-la em contraste com a violência constante da literatura que se fez a partir da modernidade.

Reuni-me com Jacyntho, portanto, decidido a falar sobre “greciosidades”; terminamos, haja vista, discutindo os protestos de 2013. Com Georg, sentei-me determinado a conversar tendo como mote as reflexões de Walter Benjamin “para uma crítica da violência”: acabamos foi falando de “tudo”, mesmo, menos de Benjamin – o que, penso, foi essencial para o arrojo de suas colocações.

Ensejei o diálogo com os professores com a simples sugestão do tema – “violência e literatura” – para a seguir indagá-los com o olhar: “E aí?”. Nos dois casos, foram apenas alguns instantes para que o fluxo das conversas ganhasse autonomia. E eu aproveitei e tive aula. O resultado está

– arbitrariamente – reunido a seguir. Com a anuência e boa revisão dos envolvidos, não prescindo de frisar.

*

Georg – Porque, de fato, a literatura tem um inegável fascínio pela violência. Mas é algo ambíguo. Por um lado, a violência é condenada eticamente. Então há uma literatura – sem querer ironizar – “correta”, uma literatura de mensagens, que vai condenar a violência. No entanto, não é isso o que atrai, claro. O que normalmente atrai é o *sex and crime*; é o que cria as sensações – e não só na literatura: no cinema também, em outras artes também.

Jacyntho – A verdade é que a poesia [pensar em literatura aqui] sempre gostou de temas assim [sexo, crime, violência]. Coisas comuns não têm graça para a poesia. Seria muito chata uma literatura sobre coisas comuns.

Georg – Nesse sentido, é possível pensar em uma função compensatória da violência. E também é possível pensar em um atrito, um conflito entre a condenação ética e a atração estética. Observo em certas discussões o discurso do “nós condenamos a violência”, do “nós somos corretos”; no entanto, esse discurso esconde um pouco esse lado humano não muito nobre de uma natural atração pela violência. Chama-me a atenção esse lado não muito nobre do ser humano de sentir certo fascínio pela violência e por tudo isso que dela está próximo.

Jacyntho – É por isso que certos aspectos da literatura clássica, explorados sobretudo na Tragédia, são difíceis de entender. Lá, a violência é apresentada como uma coisa terrível. A mulher mata o marido, o filho mata a mãe, como no caso de Orestes, que mata a Clitemnestra, ou a mãe mata os filhos, como no caso da Medeia. No entanto, as personagens atingem esse grau de violência justamente porque elas estão acima do que é o homem comum. A perfeição delas está inclusive nesse tipo de atitude.

VOCÊ ESTÁ MESMO DIZENDO QUE A ATITUDE VIOLENTA É UMA DAS CARACTERÍSTICAS DA “PERFEIÇÃO” DESSAS PERSONAGENS, JACYNTHO?

Jacyntho – Sim. A violência está presente inclusive entre os deuses. Nesse sentido, a violência é um traço que a humanidade compartilha tanto com os animais quanto com os deuses. Por isso, é uma bobagem pensar em “eliminar a violência”. Porque você não vai eliminar a violência. Eliminar a violência seria eliminar um traço da natureza humana. O caminho é mesmo saber como que se pode lidar com a violência de uma forma civilizada – e aí eu acho que a literatura tem um grande papel. O espaço da ficção possibilita o acesso à violência de uma forma codificada, que é a forma da arte, da literatura, da ficção.

GEORG, O QUE VOCÊ DIZ SOBRE O DISCURSO DO “SOMOS CORRETOS”, DO “CONDENAMOS A VIOLÊNCIA”, ENSEJA SEMPRE A ATUAL REFLEXÃO SOBRE UM CARÁTER ALGO UTILITÁRIO DA LITERATURA, O VIÉS ÉTICO DE UMA “FUNÇÃO” PARA A LITERATURA. PARA SER ALTA ARTE, A LITERATURA PRECISA SE DESATAR DE VEZ DE QUALQUER DESSES PRECEITOS ÉTICOS DE “FUNÇÃO”, DE “PAPEL”?

Georg – O que eu acredito é que é possível denunciar a violência sem tomar essa postura de condenar. Penso que há uma literatura que visa à temática da violência, por exemplo – às vezes mesmo com o intuito de denunciá-la -, e que consegue não se dar na base do politicamente correto. É algo que pode passar, por exemplo, pela simples apresentação de situações, como o caso da violência da polícia nas favelas. Muitas coisas assim foram feitas na literatura brasileira. Quero chamar a atenção, principalmente, para o risco de uma condenação simples.

LEMBRO AGORA DE GUIMARÃES ROSA ROMANTIZANDO UMA CENA DE ESTUPRO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*: “TANTO GRITAVA QUE XINGAVA, TANTO ME MORDIA, E AS UNHAS TINHA. AO CABO, QUE PUDE – A MOÇA – FECHANDO OS OLHOS – NÃO BULIA; NÃO FOSSE O CORAÇÃO DELA REBATER NO MEU PEITO, EU ENTREVIA MEDO. MAS EU NÃO PODIA ESBARRAR. ASSIM TANTO, DE REPENTE VINDO, ELA ESTREMECEUZINHA. DAÍ, ABRIU OS OLHOS, ACEITOU MINHA AÇÃO, ARFOU SEUS PRAZERES, CONSTITUINDO MILAGRE.”¹

Georg – É um exemplo interessante. Aí entramos na discussão sobre narrador, sobre autor. Este caso de Guimarães,

1. ROSA, *Grande sertão: veredas*, p. 188-189.

em específico, é interessante para que falemos sobre essa distinção. O Riobaldo é o narrador. A perspectiva dele é a do jagunço, do bandido. Querendo ou não, o estupro era de certa “normalidade” naquele contexto: quando um bando desses homens chegava nalgum lugar em que houvesse mulheres, essas coisas de fato aconteciam, infelizmente. E mais: sem mesmo que eles tivessem a plena consciência de estar cometendo algum “mal”. Este exemplo de Guimarães Rosa é bom porque demonstra que a violência, de alguma forma, faz parte. Na obra dele, ela é quase uma violência mítica. Se pensarmos na questão do mito – o mito grego, mesmo – iremos perceber que a violência está sempre muito presente.

Jacyntho – Desde os primeiros textos que a gente recebeu, esse gosto da literatura pela violência já está manifesto. Em primeiro lugar, porque a guerra é o assunto épico por excelência. É neste campo que a “virtude” se manifesta. A literatura da época é uma manifestação de uma aristocracia guerreira, cuja ocupação é a guerra. Trata-se de uma visão masculina, num contexto em que a virtude por excelência é a coragem. Coragem, em grego, é *andréia*, que vem de *andrós*, homem, macho; portanto, coragem é virilidade. É o que se manifesta nesses embates.

Georg – É uma questão de violência contra violência, uma coisa que se perpetua sem a condenação. A condenação é algo que, a meu ver, chega com o cristianismo. A moral cristã vai

justamente condenar essa literatura pagã por causa de sua violência. A literatura marcada pelo cristianismo passa a ser uma literatura “cortês”, de cavalaria, em que o homem começa a ter “boas maneiras” – inclusive em relação às mulheres. Isso é influência de certa domesticação cristã por que passamos.

Jacyntho – O advento do tribunal também se relaciona com essa questão. Toda essa codificação aparece de um jeito muito claro na Oréstia do Ésquilo, que trata de uma sucessão de crimes: como Agamêmnon matou Ifigênia, Clitemnestra mata o Agamêmnon. Daí, Orestes, por sua vez, tem de matar a Clitemnestra, já que ela matou o pai dele. Assim, os assassinatos vão se sucedendo de uma forma a não terem mesmo fim. Na última peça da trilogia [Trilogia de Orestes], no entanto, acontece a instituição de um tribunal. Antes de haver o tribunal, se alguém houvesse matado o meu pai, a minha obrigação era ir lá e matar quem matou; vingar-me. Inclusive porque, caso contrário, eu não estaria fazendo a vontade dos deuses. Quando o tribunal é trazido para dentro das cidades, cria-se o mecanismo para substituir esse sistema. Com o tribunal, a sequência de vinganças não precisa mais continuar infinitamente. Mas é interessante pensarmos também numa certa norma cristã: “se alguém lhe bater em uma face, dê a outra”. No contexto clássico, ninguém ia pensar isso. Você até poderia não reagir com violência física direta. Mas você faria alguma coisa; ou se vingaria ou, depois da invenção do tribunal, levaria a ele a questão.

GEORG, VOCÊ FALOU SOBRE O SURGIMENTO DE CERTA “CORTESIA” NA LITERATURA PÓS-CRISTIANISMO. *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, NO ENTANTO, PARECE JUSTAMENTE EXEMPLIFICAR A PROBLEMATIZAÇÃO QUE A LITERATURA CONTEMPORÂNEA TRAZ PARA ESSES ENTENDIMENTOS MAIS ESTRITOS NO QUE DIZ RESPEITO ÀS CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA DE CADA ÉPOCA, NÃO É MESMO?

Georg – Hoje ninguém condena esse plano mítico [da literatura clássica, pré-cristã] que de alguma forma é também o plano em que Rosa se insere com o seu mundo sertanejo – que tem um elemento mítico, telúrico. Nele, seria inclusive inadequado trabalhar com parâmetros cristãos, ao mesmo tempo em que seria inadequado trabalhar com parâmetros dos *gender studies*, os parâmetros do feminismo, que condenariam qualquer tentativa de compreender essa violência cometida contra a mulher. É preciso deixar claro que há uma diferença entre compreender e desculpar. Nesse mundo de Rosa, ou mesmo no mundo retratado em outras narrativas míticas, cabe “compreender” que estupros aconteciam. Não havia nenhum receio, nenhuma resistência, não havia a consciência que se teria hoje do cometimento de um crime. Então é preciso compreender; não “desculpar”, mas compreender. Do contrário, teríamos de parar de ler certas coisas...

HÁ POUCO, FALAMOS SOBRE A QUESTÃO DO AUTOR E DO NARRADOR. BEM, O EXEMPLO DE RIOBALDO PARECE NOS SUGERIR QUE UMA NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA TEM, *A PRIORI*, MAIS

RECURSOS PARA ABORDAR A VIOLÊNCIA QUE UMA NARRATIVA EM TERCEIRA PESSOA. O QUE PENSA SOBRE ISSO?

Georg – O caso de Flaubert é exemplar para falarmos desse assunto. Penso em *Madame Bovary*, livro que fala de adultério e que, por causa disso, resultou num processo contra seu autor. O processo foi muito interessante porque o advogado do Flaubert, em sua defesa, argumentou em termos de autor e narrador. A acusação era de que ele, com a sua obra, glorificava o adultério. E o argumento da defesa, por sua vez, foi no sentido de que, se ele narra sobre o adultério, é na perspectiva dela, e não da própria. É que quem cometeu o adultério foi ela, Madame Bovary. Nesse sentido, a defesa é que não é o autor que considera o adultério normal, mas sim o narrador. Lembro-me agora de outro livro interessante de Flaubert, *Salammbô*, que fala sobre das guerras de Aníbal em Cartago. No livro, a violência toma conta. É uma carnificina, uma violência depois da outra. No entanto, *Salammbô* é um livro que fala de batalhas. Assim, não faria sentido ele ser diferente disso. É um livro que fala de violência, mas não se trata de uma defesa da violência.

CHAMA A MINHA ATENÇÃO O FATO DE QUE ROSA, COM O SEU “ESTREMECEUZINHA”, TER DE ALGUMA FORMA “RESOLVIDO” O ESTUPRO COMETIDO POR RIOBALDO. FICO PENSANDO NUM AUTOR QUE ESCREVESSE SOBRE O ESTUPRO SEM “RESOLVER” A VIOLÊNCIA; SEM CRIAR, NA OBRA, UM DESFECHO PUNITIVO COMPENSATÓRIO, NADA DESSE TIPO.

Georg – A temática da violência na literatura nos faz pensar em certo malabarismo; malabarismo entre dois extremos. Um extremo é o sensacionalismo barato, o mero fascínio; quase que uma “pornografia da violência”. Falo de violência explícita, de cenas cruéis, coisas assim. O outro extremo seria essa necessidade de punição que você citou. Então é difícil saber a dose e o modo adequados de exposição, de descrição de violência, e essa dose com certeza depende de fatores históricos, culturais. Há interessantes autores trabalhando hoje com a temática da violência, mas ocorre-me o exemplo de outro autor, alemão, que não deve ser muito conhecido aqui no Brasil: Heinrich von Kleist. É um autor reconhecido, um clássico, que em sua época apresentava cenas de violência com crânios abertos, cérebros saindo, coisas assim. Essa violência crua causou muita rejeição. Hoje, no entanto, já estamos mais ou menos acostumados com isso, e toleramos. Então fatores culturais e históricos vão determinar o nível dessa tolerância à abordagem da violência. A cultura influi muito. Um filme, por exemplo, pode fazer sucesso num país e no outro se considerar que ele “passou dos limites”. Encontramos diferenças assim entre a Alemanha e a França, por exemplo. Lembro-me de um livro que virou filme: *O Tambor*, do Günter Grass, autor que foi prêmio Nobel. Um clássico. *O Tambor* foi obra de certo naturalismo; bastante violência, bastante sexo. Por acaso, eu estava na França naquela época. E os comentários na França

foram predominantemente negativos em relação ao filme. Acharam-no naturalista demais, mesmo a França sendo a “pátria do naturalismo”, se pensarmos em Émile Zola. Então é preciso pensar em questões como gosto, fatores culturais, para se pensar a questão da violência.

VOCÊS ENTENDEM QUE A ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA EM ARTE, DE FORMA LIVRE, COLABORA PARA QUE SAIBAMOS CODIFICAR E ENTENDER MELHOR ESSE ASPECTO DA REALIDADE HUMANA?

Georg – Para entendermos melhor isso, podemos entrar um pouco na psicanálise. Com o cristianismo, com a civilização, houve a domesticação da violência, que passou a ser, de certa forma, censurada. Mas a agressividade está aí, reprimida. É uma questão parecida com a da sexualidade. São coisas que precisam de espaços em que possam aparecer. Os esportes são um exemplo para o caso da violência. Os esportes são uma “válvula de escape”. Na literatura, podemos nos dar ao luxo de falarmos sobre questões que estão reprimidas, censuradas. Podemos apresentar a violência, falar dela, sem necessariamente entrar no mérito de julgá-la.

Jacyntho – E a verdade é que não se pode deixar esses espaços sem uma codificação; a codificação inclusive é uma forma de controle da violência. Cabe pensar na forma mitificada com que a violência pode se manifestar. No período clássico, havia toda aquela coisa dos jogos, dos concursos.

Era uma forma de admitir que há violência na natureza humana, e que é preciso que haja um determinado espaço para que a violência da natureza humana se manifeste. Porque não, você não vai conseguir fazer todo mundo virar “sangue de barata”. E Platão já sabia disso.

O QUE PLATÃO FALA A RESPEITO, JACYNTHO?

Jacyntho – Platão defende que o primeiro traço de caráter do governante e do filósofo é a irascibilidade. Quando Platão está fazendo as distinções das partes da alma, ele diz que o governante e o filósofo devem ser irascíveis: se são atacados, devem reagir. Sem isso, diz Platão, não se chega à filosofia, que é a forma de canalizar a violência de uma forma “boa”. Esta é uma questão que perpassa a própria forma da organização da democracia. Não devemos cair numa ideia irreal de que, com a civilização, iremos finalmente viver uma situação de todo mundo concordando com todo mundo, todo mundo concordando com tudo. O funcionamento da cidade também se dá por meio de uma disputa violenta, de violência.

GOSTARIA DE DERIVAR A CONVERSA PARA UM MEANDRO QUE, PENSO, PODE NOS RENDER UMA CONVERSA BOA. PENSO QUE, COMUMENTE, RESTRINGIMOS O RÓTULO “VIOLÊNCIA” A ATOS PATENTEMENTE VIOLENTOS, DE DANOS VISTOSOS – INQUESTIONÁVEIS. GOSTARIA ENTÃO DE PENSAR NA VIOLÊNCIA EM UMA PERSPECTIVA MAIS ABRANGENTE. O MEU RACIOCÍNIO É NO SENTIDO

DE TODA INTERAÇÃO SOCIAL SER DE ALGUMA FORMA – E NATURALMENTE TAMBÉM EM VÁRIAS GRADAÇÕES – UMA VIOLÊNCIA; UMA VIOLÊNCIA CONTRA A PREDISPOSIÇÃO DO OUTRO À PRÓPRIA INÉRCIA. PENSEMOS POR EXEMPLO NA INTERRUPTÃO QUE CAUSEI A VOCÊS AO LHEIS INTERPELAR COM O CONVITE PARA ESTA ENTREVISTA. TOMEI-LHES A ATENÇÃO À REVELIA; TIREI-LHES DO CAMINHO QUE SEGUIAM, DO PENSAMENTO QUE CONCATENAVAM, DO ESTADO DE ESPÍRITO EM QUE SE ENCONTRAVAM, AO FAZER-LHES O CONVITE. ORA, VIOLENTEI SUA INÉRCIA. SEI QUE MEU RACIOCÍNIO PARECE EXTREMO, E É POR ISSO QUE O TOMEI. POIS FALAMOS EM FEMINISMO MAIS CEDO, GEORG. ORA, POIS PENSEMOS ENTÃO POR UM INSTANTE EM CERTAS VERTENTES DO FEMINISMO ATUAL. HÁ, EM PARTE DESSE MOVIMENTO, UMA CRÍTICA À ABORDAGEM MASCULINA EM GERAL; UMA CRÍTICA À DEMONSTRAÇÃO PROATIVA DE INTERESSE POR PARTE DO HOMEM. NESSE SENTIDO, O QUE SE FAZ É ENTENDER QUE, SENDO PROATIVO, QUALQUER PRIMEIRO CONTATO MASCULINO COM UMA MULHER...

Georg – ...é violento.

SIM, É DISSO QUE GOSTARIA DE FALAR. E NÃO ESTOU FALANDO NECESSARIAMENTE DE UM TOQUE.

Georg – Sim, pois não temos o termo “violência verbal”?

SIM, MAS QUERO LEVAR A TESE AO EXTREMO: A VIOLÊNCIA ESTARIA CONTIDA ATÉ NO “OI” QUE É DITO PROATIVAMENTE. O QUE ME PARECE EXTREMAMENTE URGENTE É UMA REFLEXÃO SOBRE AQUILO DE QUE VÍNHAMOS FALANDO: QUE A VIOLÊNCIA É INTRÍNSECA AO HUMANO, E QUE POR ISSO DEVE SER CANALIZADA, EM VEZ DE TENTARMOS ELIMINÁ-LA, SUBJUGÁ-LA, E MESMO CONDENÁ-LA.

Georg – Acho que você tocou num ponto importante, que é a cantada. A palavra mesmo, em si, é muito poética. “Cantada”. Ao mesmo tempo, é tirar alguém da sua rotina e exercer sobre esta pessoa certa influência. Bem... Você sabe que eu sou dos que sempre nadam na contracorrente. De forma que eu lembro que, quando eu era estudante, uma colega não gostava de andar por certos lugares. Era porque neles ela era abordada por homens. Ela se queixava de ser abordada. Lembro que pensei na época: “Ora, mas então como é que a espécie se perpetua se não puder haver nenhuma abordagem?”. Digo, “mas como é que faz então?”

A MINHA SENSAÇÃO É A DE QUE O ADVENTO DO CRISTIANISMO FEZ-NOS CIRCUNSCREVER A PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA ÀS SUAS MANIFESTAÇÕES PATENTEMENTE EXPLÍCITAS, QUANDO PODERÍAMOS PENSAR A VIOLÊNCIA DE FORMA AMPLA, E AÍ ENTÃO LEVAR MAIS EM CONSIDERAÇÃO A QUESTÃO DAS NUANCES. AINDA INSISTINDO NESSAS OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA, MAIS COMPLEXAS E ORA SUTIS, PERGUNTO: NÃO PODEMOS PENSAR O PRÓPRIO ESTABELECIMENTO DA CIVILIZAÇÃO COMO UMA VIOLÊNCIA CONTRA A TENDÊNCIA ANIMALESCA DO HOMEM À BARBÁRIE?

Georg – Eu ia mesmo falar isso agora. Sobre a nossa própria domesticação. Sobre a censura. Quer fazer, Freud ganhava dinheiro com isso. Com essa repressão. O foco era a questão da sexualidade, claro; no entanto, eu posso ver também a repressão da sexualidade como uma forma

de violência. Claro que não podemos desconsiderar a sociedade machista da época de Freud: os maridos que iam para o prostíbulo enquanto suas mulheres eram privadas de seu direito à sua sexualidade. E tudo revestido de uma moral cristã, uma moral burguesa, claro. Casos claros de repressão – de recalque, como se diz na psicanálise. Daí o trabalho da psicanálise era o de tirar esse recalque; de buscar algum tipo de libertação possível. Mas sim: eu posso ver a condenação de uma manifestação espontânea, posso ver a própria repressão da violência como, também, uma violência. Se pensarmos nas crianças praticando uma brincadeira, por exemplo. A violência do menino, as diferenças entre o masculino e o feminino. Daí as crianças lutam, se machucam, e então surge o pai para reprimir isso; os proíbe de brigar.

A SENSAÇÃO É DE QUE ESTAMOS FADADOS À VIOLÊNCIA – AINDA QUE SEJA UMA VIOLÊNCIA COM VISTAS A ANULAR OUTRA VIOLÊNCIA. NESSE SENTIDO, SERIA O CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL O RESPONSÁVEL POR DETERMINAR QUAL VIOLÊNCIA SERÁ REPRIMIDA? POIS PENSEMOS NA RECÉM-SANCIONADA “LEI DA PALMADA” COMO EXEMPLO. EM DADO MOMENTO HISTÓRICO-CULTURAL, HAVIA UMA IMPLÍCITA ACEITAÇÃO SOCIAL DA IDEIA DE QUE A VIOLÊNCIA QUE DEVERIA SER REPRIMIDA ERA A DA CRIANÇA EM SEUS INSTINTOS AGRESSIVOS, VIOLENTOS, AUTÔNOMOS – AINDA QUE, PARA ISSO, OS PAIS ORA ENTENDESSEM SER NECESSÁRIO SE VALER DE ALGUMA VIOLÊNCIA PRÓPRIA, A SER EMPREGADA CONTRA

ESSAS CRIANÇAS – A FAMOSA PALMADA – PARA QUE A REPRESSÃO DA VIOLÊNCIA DAS MESMAS TIVESSE EFICÁCIA. HOJE EM DIA, NO ENTANTO, O ENTENDIMENTO COLETIVO JÁ COMEÇA A SER DE QUE A VIOLÊNCIA QUE DEVE SER TOLHIDA É A DOS PAIS, NÃO A DOS FILHOS – A DESPEITO DE QUALQUER RISCO DE SURGIREM NOVAS OPORTUNIDADES PARA O RECRUDESCIMENTO DA VIOLÊNCIA DAS PRÓPRIAS CRIANÇAS.

Georg – Neste contexto, é interessante falarmos um pouco sobre agressividade. Porque a agressividade sempre foi condenada. Por outro lado, certas pesquisas investigam o caso de a agressividade ser, de alguma forma, natural. Então vamos pensar justamente nessa agressividade do menino. Como determinar a partir de que ponto ela deve ser coibida? Como determinar até onde se deve dar uma margem para a criança “se expressar”, “se manifestar”? É essa a questão.

Jacyntho – Cabe pensar que, no mundo animal, a violência é a base das relações: o mais forte vai devorar o mais fraco. Isso faz tudo ser mais complexo.

E NO MUNDO DIVINO TAMBÉM...

Jacyntho – Dou um exemplo cosmogônico: a castração do céu por Crono. Trata-se de um ato violento – mas necessário. O céu estava colado na terra, de forma que a terra gerava filhos, mas eles iam ficando dentro dela, porque não

havia espaço entre céu e terra para eles saírem. Surge aí uma ideia de que a castração é a separação do céu e da terra. E que, sem essa violência – sem essa castração – o mundo não existiria. Essa ideia é comum em várias cosmogonias antigas, inclusive nas do médio oriente. No campo divino, há diversos episódios de violência: um deus matando outro, um deus sobrepujando o outro. Há, nisso tudo, uma ideia implícita: a de que a própria organização do mundo depende dessa violência. Uma ideia implícita de que o mundo, em si, não é algo harmônico. Eu falo muito disso com os alunos hoje. De como a gente se ilude – principalmente hoje em dia, em que o ideário ecológico é tão difundido – no sentido de pensar que o homem vive em comunhão com a natureza, quando, na verdade, é da índole do homem destruir a natureza para no seu lugar construir as suas coisas. Em alguns textos que tratam da Guerra de Tróia, por exemplo, há a sugestão de que Zeus provocou a guerra porque havia excesso de população na Terra. Essa ideia não está em Homero, mas aparece em outros textos. É uma ideia muito curiosa, que se repete também no Oriente Médio, se repete nos textos babilônicos: o problema da superpopulação e de como catástrofes naturais, o dilúvio, a fome, a seca, a peste, ou a guerra, mesmo, de como tudo isso surge com uma função de equilibrar o tamanho da humanidade – de forma a evitar que ela ponha o mundo desequilibrado.

NO CONTEXTO INFANTIL, GEORG, VOCÊ SUGERIU QUE A QUESTÃO É O ENCONTRO DE UMA JUSTA MEDIDA PARA A VIOLÊNCIA. PERCEBO QUE PARECE REINCIDENTE NESSAS NOSSAS CONVERSAS A IDEIA DE QUE A VIOLÊNCIA É NECESSÁRIA, DE FORMA AMPLA NA EXISTÊNCIA HUMANA, NA JUSTA MEDIDA EM QUE NOS POSSIBILITE FAZER A CATARSE, A EXPURGAÇÃO DE NOSSOS HUMORES; PARA, COM ISSO, POSSIBILITAR QUE A VIDA SOCIAL SIGA TRANSCORRENDO DE FORMA FUNCIONAL...

Georg – Sim, pensar na catarse aqui é uma ideia interessante. Também [para exemplificar a abrangência da violência] é interessante pensarmos aqui na questão do autoritarismo, como, por exemplo, na relação professor/aluno. Se o professor quiser retaliar um aluno, ele tem a maior facilidade de fazer isso por meio das notas. Isso para mim é também violência. O caso de um aluno que questiona a opinião de um professor, por exemplo. A gente sabe que muitos alunos, apesar de divergirem do professor, não abrem a boca porque tem medo de alguma retaliação.

AS HIERARQUIAS PROPORCIONAM PEQUENOS MONOPÓLIOS DA VIOLÊNCIA?

Georg – Elas obrigam o aluno a se silenciar, por exemplo. Isso é violência. E são formas silentes de violência. Situações em que não há necessidade de se cometer um ato explícito de violência. Mas há violência.

COM AS MANIFESTAÇÕES DO ANO PASSADO, A REFLEXÃO SOBRE VIOLÊNCIA GANHOU DESTAQUE. COMO VOCÊS PERCEBEM OS ATUAIS DESDOBRAMENTOS DO TEMA, SEJA NA LITERATURA, SEJA NA CRÔNICA SOCIAL?

Jacyntho – Essa história recente dos “vândalos”: eu achei muito engraçada a forma como a imprensa cobriu e cobre tudo isso. O repórter vê a cena e fala algo como “veja ali um *vândalo* quebrando aquela janela”, em tom dramático. É muito engraçado.

Georg – Há algo que sempre me incomoda nas discussões sobre esse tipo de assunto. Tenho um amigo, o professor Jaime Ginzburg, da USP, que publicou um livro sobre a questão da violência. E por isso eu acompanhei algumas discussões. Bem, ele aborda a denúncia da violência cometida pela polícia, esta que todos conhecemos e sabemos existir. O que o Jaime critica é que as discussões sobre o assunto tendam tanto ao maniqueísmo de se delimitar vítima e malfeitor. É claro que a polícia transgride suas funções, e é certo denunciar isso. Mas eu também, de fato, sempre fico incomodado com a facilidade com que se acusa alguém como único culpado pela violência; a forma como se estabelece precisamente os culpados e os inocentes. Esse maniqueísmo sempre me incomodou.

Jacyntho – Esta violência do estado é a mais complicada, porque ela é institucionalizada. Daí tem-se um conflito em que há uma parte que está autorizada a usar a violência, e a

outra parte não. E ainda há muita gente que acha que a polícia tem de chegar e matar, afinal, para que prender? Mas, se o estado faz a mesma coisa que o bandido, o que se tem é a barbárie. São questões que já eram discutidas na Grécia. A pergunta é: se alguém furar o meu olho, o que eu vou fazer com essa pessoa? Eu vou furar o seu olho, eu vou cortar a cabeça da pessoa? Quer dizer, qual deve ser a proporção entre o que foi feito e a reação?

Georg – O caso é que não é só a polícia que é violenta. Existe uma violência generalizada. De fato, a polícia tem as armas, e inclusive se vale do chamado monopólio da violência legal. E com isso comete abusos, sem dúvida. Mas as denúncias partirem desse maniqueísmo simplista vítima/culpado é um problema.

O QUE SE FALOU SOBRE A PROPORÇÃO ENTRE O QUE FOI FEITO E A REAÇÃO...DE CERTA FORMA, ESTA É UMA QUESTÃO QUE ESTÁ SEMPRE EM ABERTO, NÃO É MESMO, JACYNTHO? QUERO DIZER, MESMO COM O TRIBUNAL, ESTAMOS SEMPRE REVENDO QUAL É A PUNIÇÃO ADEQUADA PARA CADA AÇÃO...

Jacyntho – Porque é uma questão complicada. Heródoto, falando sobre a origem das guerras, fala dos gregos contra os asiáticos e cita os raptos de mulheres. Aí ele conta que os fenícios raptaram Io, o que levou a um ponto em que Páris, sabendo que poderia raptar uma mulher sem ter de dar

satisfação – afinal, estava-se em um ciclo de compensações – vai lá e rapta Helena. Os gregos, no entanto, em vez de exigirem uma reparação, em vez de fazerem um novo rapto, vão lá e destroem Tróia. Quer dizer, é o excesso. Nesse sentido, pelo raciocínio de Heródoto, os gregos são os mais culpados na guerra. Por causa de seu excesso. Daí a importância da ideia da proporção.

VOCÊ FALOU SOBRE OS PROTESTOS. QUAL É A SUA OPINIÃO SOBRE ESSA VIOLÊNCIA OBJETIVA, ESSA VIOLÊNCIA ENGAJADA DE MANIFESTANTES?

Jacyntho – Bem, há pouco tempo eu estive em Londres. A The National Gallery estava com uma exposição sobre as sufragistas lá de 1901, 1905. Na briga pelo direito ao voto, uma mulher entrava na The National Gallery com um martelo e quebrava os quadros; outra entrava com uma faca e os cortava: isso ao ponto de precisarem fazer uma regra determinando que as mulheres não poderiam mais entrar na The National Gallery. O Museu Britânico, por sua vez, fez outra regra: mulher só poderia entrar acompanhada por um homem que se responsabilizasse por ela. Então se trata da mesma questão dos dias atuais. Hoje, você olha para o “vândalo” e diz “que absurdo”, mas, ao fazer isso, você se esquece que ele exerce um papel ali. Hoje olhamos para o caso das sufragistas e pensamos: “puxa, mas como é que mulher não votava?”.

VAMOS VOLTAR À LITERATURA. TENDO EM VISTA A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA, O QUE PENSAM SOBRE O ENTENDIMENTO DA ARTE COMO CAPAZ DE INFLUENCIAR COMPORTAMENTOS EM ORDEM DIRETA E OBJETIVA?

Jacyntho – Sabe, é uma bobagem pensar que, por ver um filme de pessoas brigando, um menino vai sair brigando. Pensar que, se eu vejo um quadro de alguém decapitando alguém, eu vou sair por aí decapitando as pessoas. É uma bobagem isso. São coisas que fazem parte de uma educação estética. E acredito que uma criança sabe lidar com isso sem problema. Um exemplo: agora tenho netos. E eles adoram as histórias do lobo mau. Então eu costumo brincar com eles, tipo dizendo coisas como “ai, que medo”. Mas veja só. Quando digo isso, eles respondem: “não, vovô: é de mentirinha”. Veja só: eles têm dois e três anos. Então é preciso entender que, se na literatura um lobo mau devorar a vovozinha, o mundo não vai acabar. Eu diria que estamos falando, se formos pensar em Aristóteles, em um efeito catártico da literatura.

MESMO SE O LOBO MAU NÃO FOR MORTO NO FINAL.

Jacyntho – É.

PORQUE O LOBO MORRE NO FINAL... ESPERA, AGORA FIQUEI NA DÚVIDA. ELE MORRE?

Jacyntho – É... Há várias versões, né? Hoje tem até mesmo a versão do lobo sendo levado para o zoológico! Mas

por isso temos de pensar na catarse de que Aristóteles fala. Uma purgação das emoções – inclusive do nosso instinto de violência. A restrição de acesso à literatura (e ao cinema, ao teatro...) que vem da disparidade social impede essa purgação, essa catarse dessas emoções. E essa purgação das emoções pode acontecer de várias formas. Os filmes de guerra, por exemplo, que eu acho ótimos. Ou os filmes em que há cenas de tribunal. Puxa, eu adoro; é emocionante. Então é isso: trata-se de uma esfera codificada, em que, no espaço da ficção, você faz a purgação de certas emoções. Platão mesmo critica a Tragédia justamente por isso: por colocar em cena certos personagens e atitudes; por não apresentar nenhum bom modelo a ser seguido. A preocupação era de que as crianças – ou os sem bom senso – imitassem a ficção; imitassem os heróis e deuses contados ali. Daí vem a sua crítica à Tragédia. Mas Aristóteles vem com outra perspectiva; ele reflete sobre o caráter catártico da mimese: a ideia de que, ao ver algo representado, você venha a fazer uma catarse das suas emoções.

MAS, AINDA QUE NÃO SEJA DE FORMA DIRETA, OBJETIVA, E SIM INDIRETA E SUBJETIVA, ALGUMA INFLUÊNCIA A ARTE TEM EM NÓS? COMO COMPORTAMENTO, CERTO?

Jacyntho – É, também não podemos dizer que a literatura é inócua. Ela provoca sim certas coisas. Esta é uma discussão que remonta à primeira metade do século 20, também

aos anos 1970. Estou pensando agora na literatura engajada da época. Com ela em vista, temos que levar em consideração que a literatura provoca sim modificações. Nomes como Brecht, Sartre... Simone de Beauvoir, por exemplo: o quanto as coisas que ela escreveu foram importantes para modificar a situação da mulher. É preciso levar esse outro lado em consideração: que há sim uma modificação, mas que é algo que acontece de uma forma diferente; depois. O sujeito é atingido de uma forma diferente; e depois.

INTERESSANTE PENSAR QUE, MESMO ARISTÓTELES JÁ TENDO DELINEADO TÃO CLARAMENTE A IMPORTÂNCIA DA CATARSE POR MEIO DA MIMESE HÁ DOIS MIL, TREZENTOS E TANTOS ANOS ATRÁS, AINDA HOJE VEMOS SER DISSEMINADA CERTA RECRIMINAÇÃO DA ARTE, DA LITERATURA, QUANDO ESTA NÃO TEM UM CLARO SENTIDO MORALIZANTE...

Jacyntho – Vamos voltar nas histórias infantis. As pessoas ficam com receio de contar os episódios daquelas histórias para as crianças exatamente como eles são, porque as histórias são violentas. No entanto, é preciso entender que elas propiciam, ao mesmo tempo, um aprendizado importante. Há um processo educativo muito relevante nessas histórias. É uma simplificação muito grande pensar que, porque a imitação reflete um personagem violento, a pessoa que apreciar aquela obra também vai se tornar violenta. Nesse sentido, quando Platão faz na República as prescrições de

como os poetas devem elaborar os trechos de suas obras, ele de certa forma está agindo na esfera da censura; censurando os poetas. Vale a pena falar de Plutarco, um platônico que viveu quinhentos anos depois de Platão, no século primeiro depois de Cristo. Plutarco tem um texto sobre “como um jovem deve ouvir poesia” – ou “ler poesia”. Na obra, ele se dirige a um amigo romano e diz que, na idade em que os filhos deles se encontram, a adolescência, não é desejável que eles não leiam poesia – mesmo em face de sua violência. O que Plutarco acrescenta a Platão é que é preciso educar o leitor, educar o receptor.

COMO?

Jacyntho – Primeiramente, ensinando o que é ficção. Ele diz que o jovem precisa saber que, se há poesia, há *pseûdos*, ou seja: há ficção; há o falso; há a mentira. A primeira coisa [no sentido desse ensinamento] é o distanciamento: a partir daí você aprende a apreciar a feitura do objeto. Trata-se do que falávamos sobre a educação estética. Inclusive o seguinte: se a mimese de um mau caráter é benfeita, ela vai apresentar o mau caráter como o mais mau caráter possível; do contrário, ela está malfeita. E isso, esse processo, é que deve ser apreciado. Há, na verdade, uma gradação. A primeira tendência do leitor – do apreciador, do receptor, desse jovem leitor – é a do filômito: é o leitor

que gosta dos entrecos; aquele que gosta “da historinha”. O exemplo é aquele sujeito que, se você contar a ele o final de um livro, ele diz “ah, então não vou ler mais não”. Claro que, às vezes, umas obras só têm isso mesmo, né?, o final. Mas enfim, essa é a primeira gradação. Daí, quando esse leitor vai se tornando um recebedor mais refinado, ele passa para o nível do filólogo, que é o recebedor que aprecia os recursos de linguagem, os aspectos poéticos que dizem respeito à forma com que a obra está sendo constituída – coisas assim. Por fim, no próximo nível, Plutarco se refere ao filáletes, ou seja, o “amigo da verdade”; é nível do filósofo, em que vão ser apreciados os modelos de virtude ou de vício, sobre os quais ele poderá, portanto, raciocinar. Nesse entendimento, a poesia é a propedêutica para a filosofia; e a formação do filósofo, no caso, passaria por isso, inclusive sem se fazer censura sobre o que se pode ler e o que não se pode ler.

SEM CENSURA?

Jacyntho – Nessa perspectiva de Plutarco, pode-se ler tudo – contanto que haja atenção à educação estética. Ainda que fosse platônico, Plutarco apontava que, educando o leitor, está tudo liberado. E veja só que interessante: mesmo assim, ainda hoje há gente defendendo que deve haver censura, e ela está aí até hoje.

FALAMOS NA CATARSE POR MEIO DA MIMESE. COMO ESSE PROCESSO SE DÁ?

Jacyntho – Eu entendo que esse processo acontece em vários níveis. Pode ser em termos sociais, por exemplo. O público do teatro é a cidade fazendo a sua própria catarse. E é essa catarse que vai evitar a guerra, a sedição; tudo isso que é importante socialmente. E há também o ponto de vista individual. Nesse sentido, dá para pensar na catarse como um processo físico, inclusive. Alguém está vendo uma representação e chora: isso alivia as tensões. É como uma sangria, até porque catarse é um termo medicinal – a purificação do excesso de humores que o organismo tem. E isso é uma coisa importante. Nesse sentido, as histórias têm uma função. Afinal, por que representar a história de uma mulher que, para se vingar de um marido que arranjou outra mulher, mata os próprios filhos? Se formos pensar nos termos do acontecimento, em si, perceberemos estar em face de algo abominável. Mas faz sentido você fazer uma peça em que há tudo isso. Porque isso te propicia alguma convivência com a muita violência – mas de uma forma codificada e, portanto, controlada.

SÃO CORRENTES CERTAS REFLEXÕES SOBRE O PODER DA LITERATURA DE ROMPER O STATUS QUO, DE TIRAR O SUJEITO DE SEU MODUS OPERANDI TRADICIONAL, DE INFLUIR POSITIVAMENTE NO SENTIDO DE DESPERTAR SUA ATENÇÃO: DE TIRÁ-LO DE CERTA

ZONA DE CONFORTO NO QUE DIZ RESPEITO À SUA JÁ ARRAIGADA FORMA DE VER E PARTICIPAR DO MUNDO E LEVÁ-LO À OUTRA POSIÇÃO. ENTÃO FAÇO UMA PROVOCAÇÃO: CABERIA PENSARMOS A PRÓPRIA LITERATURA COMO UMA VIOLÊNCIA CONTRA A NATURAL INÉRCIA DO SUJEITO?

Georg – É preciso pensar que, na leitura, acontece algo diferente de na televisão, por exemplo, em que você liga e logo fica exposto àquilo que ela está transmitindo. É diferente quando eu me disponho a abrir um livro e ler. Mas eu concordo com isso. A violência condenável é sempre a que contém uma questão de coerção. A leitura é iniciada em um ato deliberado, voluntário. No entanto, ao seguir o fio da narrativa, você fica realmente “preso”; “cativo”. É possível delinear um aspecto de violência nesse verbo cativar, na medida de seu sentido de “colocar cativo”. Mas o aspecto interessante, a meu ver, é o fato de eu querer ser cativado. É interessante o fato de o ser humano querer vivenciar algum tipo de violência. Sem ser masoquista, claro. Ou melhor: até sendo, de certa forma, algo masoquista.

O GOSTO DE LER UM LIVRO QUE NOS FAZ “SOFRER”, POR EXEMPLO...

Georg – Querer se submeter à leitura e ao encanto da narrativa; e vivenciar aquela situação de não “conseguir” soltar o livro. Aparentemente, é você que não consegue soltar o livro. No entanto, é o livro que, de certa forma, te segura. Uma inversão entre sujeito e objeto, de certa forma. Mas é claro

que tudo isso depende da qualidade do livro. Quando o livro começa a ser muito “furado”, você volta a tomar iniciativa em relação a ele; torna-se capaz de desistir do livro. Então é assim, livro bom é aquele que te prende; a capacidade de um livro de nos prender é sinal de sua qualidade literária. Bem, é forçar um pouco delimitar isso como violência; mas não deixa de ser um aspecto interessante, que merece ser analisado.

NÃO HAVERIA FORMA MELHOR DE TERMINAR UMA CONVERSA SOBRE LITERATURA E VIOLÊNCIA QUE CONCLUINDO QUE O LIVRO BOM É O LIVRO VIOLENTO; QUE O LIVRO BOM É O LIVRO “CATIVANTE”.

Georg – É interessante pensar nisso. Uma pessoa pode ser cativante: pode exercer alguma magia, algum encanto. É uma força que ela exerce sobre outra pessoa. Bem, um livro pode fazer isso. De forma que o interessante que resulta dessa conversa é ela ensejar o questionamento das censuras que existem por aí. As censuras que buscam denegar a agressividade. Pois a questão não é negar a agressividade, mas sim encontrar formas de conviver com ela. E não reprimir – que reprimir a agressividade é também outra violência.

Jacyntho – A violência é um traço da natureza humana. Por isso, é uma bobagem pensar em eliminá-la. O caminho é mesmo saber como se pode lidar com ela. Nisso a literatura tem um grande papel. Por possibilitar o acesso à violência de uma forma codificada; por possibilitar que por meio da mimese façamos a catarse da nossa violência.